TPBCI | Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação

MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONSCIENTE E AQUILOMBAMENTO PARA UM PROTAGONISMO NEGRO NO ENANCIB

MEDIATION OF CONSCIOUS INFORMATION AND AQUILOMBAMENTO FOR A BLACK SOCIAL PROTAGONISM IN ENANCIB

Felipe Arthur Cordeiro Alves [1]
Gisele Rocha Côrtes[2]

Resumo: Esta comunicação objetiva apresentar a importância da mediação da informação consciente e do aquilombamento para o estabelecimento de um protagonismo social negro nos anais do ENANCIB. Abordamos brevemente os impactos do colonialismo e do racismo estrutural no país, considerando que ambos dificultam o protagonismo social negro em diversos contextos. No âmbito teórico, discorremos acerca do conceito de mediação da informação e suas dimensões, em interface com o aquilombamento, a noção de protagonismo social. Os resultados expostos indicaram uma pequena quantidade de pesquisas sobre a população negra no ENANCIB. No corpo de pesquisadores(as) que desenvolveram pesquisas sobre esse tema no evento, destacamos o protagonismo social negro, o que significa que a mediação da informação consciente e o aquilombamento estabelecido por esses sujeitos contribuem esse processo. As considerações conclusivas apontaram que a mediação da informação consciente e o aquilombamento são importantes para o protagonismo social negro no ENANCIB. É inescusável que o corpo científico se reconheça como protagonista nesse processo mediador e que sua atuação modifique sua própria realidade e a de outrem.

Palavras-Chave: Racismo Estrutural. Mediação da Informação. Aquilombamento. Protagonismo Social. ENANCIB.

Abstract: *This research aims to present the importance of the mediation of conscious information and aquilombamento for the establishment of a black social protagonism in*

[1] Doutorando em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. felipecordeiro41@hotmail.com.ORCID: 0000-0003-1339-710X.
[2] Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - UNESP. giselerochacortes@gmail.com. ORCID: 0000-0001-6843-4938.

the annals of ENANCIB. We briefly discuss the impacts of colonialism and structural racism in the country, considering that both hinder black social protagonism in different contexts. In the theoretical scope, we discuss the concept of information mediation and its dimensions in interface with the aquilombamento, the notion of social protagonism, highlighting the indispensability of the first for the development of the second. The results presented show a low amount of research on a black population in ENANCIB. We highlight the black social protagonism among the body of researchers who developed research on this theme at the event, showing how the mediation of conscious information and the aquilombamento established by these subjects in this process. The concluding considerations point to the importance of the mediation of conscious information and aquilombamento for black social protagonism in ENANCIB. It is inexcusable that the scientific body recognizes itself as a protagonist in this mediating process and that its performance can modify its own reality and external reality.

Keywords: *Structural racism. Information Mediation. Aquilombamento. Social protagonism. ENANCIB.*

1 INTRODUÇÃO

Oriunda de dissertação de Mestrado concluída em março de 2021, a pesquisa[3] é resultado de um processo de compreensão da realidade socioeconômica da população negra e dos efeitos da ignominiosa escravidão e das consequências do racismo estrutural na composição da sociedade brasileira. A partir desse processo, foi possível perceber as dificuldades de inserção social da comunidade negra, que obsta o protagonismo social desse grupo em diversas ambiências, inclusive nas universidades e, por conseguinte, nas produções científicas.

Notadamente nesse contexto de apresentação de resultados, este estudo objetiva apresentar a importância da mediação da informação consciente e o aquilombamento para o estabelecimento de um protagonismo social negro nos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). Nos tópicos seguintes, apresentamos as implicações do racismo estrutural para o protagonismo social negro; discorremos sobre o conceito de mediação da informação e seus desdobramentos, considerando a produção científica não só como uma atividade mediadora exercida fora de qualquer espectro de casualidade ou neutralidade, mas também, como uma interferência direta, intencional e política (GOMES, H, 2019); discorremos acerca do aquilombamento como estratégia de resistência da comunidade negra as opressões sociais e sua interface com o protagonismo social (SOUTO, 2021); citamos os(as) principais autores(as) cujos trabalhos a respeito da população negra foram publicados no evento; e tecemos algumas considerações sobre as relações estabelecidas entre eles(as), evidenciando como a atuação desses(as) pesquisadores(as) contribui para um protagonismo social negro nesse contexto.

Para construir o referencial teórico desta pesquisa, utilizamos, majoritariamente, estudos desenvolvidos por pesquisadores(as) negros(as) e fora do eixo europeu e do norte-americano, em um exercício de práxis decolonial e descolonizadora de saberes, atuando de modo a favorecer o protagonismo social negro na área. O *corpus* do estudo que baseou esta pesquisa foram os anais do ENANCIB entre 1994 e 2019. Para a busca

[3] Este estudo é oriundo de um trabalho completo submetido, avaliado, aprovado e apresentado na vigésima primeira edição do ENANCIB. Nessa ocasião, fizemos ampliações teórico-metodológicas que julgamos pertinentes para o desenvolvimento da pesquisa.

nos títulos, nos resumos e nas palavras-chave, foram utilizados os seguintes termos: negro(a), afrodescendentes, pretos(as), população negra, cotas, ações afirmativas, raça, etnia, preconceito racial, discriminação racial, racismo, movimento negro e informação étnico-racial.

Para essa etapa, foram destacados(as) dez autores(as) com mais participações em pesquisas sobre a população negra no ENANCIB. Ressaltamos que todos(as) são pesquisadores(as) negros(as). Esse cenário apresenta um protagonismo social negro, dentre os(as) autores(as) que se dedicam a desenvolver pesquisas no evento com esse *lócus.* Para caracterizá-los(as) sob o ponto de vista étnico-racial, utilizamos critérios de heteroidentificação e confirmação com os(as) pesquisadores(as).

A pesquisa é importante porque se propõe a desconstruir um dos maiores problemas sociais brasileiros, o racismo estrutural, que atua como uma ferramenta estruturante de desigualdades socioeconômicas e desfavorece o protagonismo social negro em diversos contextos, inclusive na Ciência da Informação e no ENANCIB.

2 O ENTRAVE ENTRE O RACISMO ESTRUTURAL E O PROTAGONISMO SOCIAL NEGRO

O racismo no Brasil existe desde quando o país era uma colônia portuguesa. O colonialismo iniciou um processo estruturante das relações que permanece até os nossos dias. Na carta[4] de Pero Vaz de Caminha (BRASIL, [19--?.], p. 2), os nativos indígenas foram descritos assim: “Dali avistamos homens na praia [...] Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrissem suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas”. O relato expôs a diferença de cor entre a população indígena e a europeia e um choque cultural e uma atitude etnocêntrica em relação ao uso de vestimentas e costumes.

O racismo, instaurado no país pelo colonialismo, foi agravado em grande medida pelo regime escravista. Conforme Laurentino Gomes (2019), a escravização foi uma tragédia humanitária de grande lastro e não há tema mais relevante do que esse e tão definidor da construção da identidade social do país. Segundo o autor, o Brasil foi a maior

[4] Carta disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em: 30 maio. 2021.

território escravista do Ocidente, ao longo de três séculos, e um dos países mais resistentes ao fim do tráfico negreiro e à abolição da escravização.

Além do exposto acima, vale salientar que, depois que a escravização foi abolida, não houve qualquer política de inclusão social compensatória por parte do Estado Brasileiro para inserir a população negra em diversos segmentos sociais. Por essa razão, é importante ponderar que o racismo brasileiro tem características próprias que estruturaram e estruturam as relações sociais no país.

Para Santos[5] (2021), compreender o Brasil profundamente não é uma tarefa banal, visto que, em 70% de sua história, o país esteve sob o signo do escravismo. Sobre isso, o autor questiona: "Nos marcos do capitalismo, é possível combater, com alguma eficácia, o racismo estrutural brasileiro?". Tal questão exige uma resposta densa para uma questão complexa. Logo, não cabem truísmos ou simplificações grosseiras. O racismo, como ideologia, resulta, para a população negra, em um estado permanente de pessimismo no que tange à mobilidade social e ao protagonismo.

Sob o ponto de vista de Nascimento (2019, p. 35), a ideologia racista "resulta para o negro em um estado de frustração, pois lhe barra qualquer possibilidade de autoafirmação com integridade, identidade e orgulho". Como podemos observar, o racismo brasileiro pode atuar como um fator limitante do protagonismo social negro.

Nascimento (2019) assevera que, no Brasil, há um monopólio de poder por parte da população branca minoritária, desde os tempos coloniais até a contemporaneidade. Esse processo, em geral, é considerado natural ou direito democrático. O mito da democracia racial está fundamentado nessas premissas. Isso justifica o resultado das mudanças políticas e socioeconômicas não ter afetado drasticamente a estrutura de supremacia racial branca.

Diversos indicadores demonstram que o cenário exposto pelo autor, lamentavelmente, ainda é uma realidade. As desigualdades étnico-raciais são uma chaga aberta na sociedade brasileira, que evidenciam uma contradição em termos de representatividade social em diversos espaços sociais. A título de ilustração desse cenário

[5] O texto de Hélio Santos encontra-se na "orelha" do livro "Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica" de autoria de Dennis de Oliveira. Disponível em: https://brasil.fes.de/detalhe/racismo-estrutural-uma-perspectiva-historico-critica. Acesso em: 28 fev. 2022.

discrepante, apontamos alguns dados referentes à educação que é o cerne desse estudo. Em 2019, pela primeira vez[6], a maioria das matrículas em universidades e faculdades do país foram preenchidas pela comunidade negra. Vale salientar que a comunidade negra compõe a maioria da população negra desde o período colonial e somente há dois anos a mesma passou a ser majoritária nos centros de educação superior do país. Tal cenário demonstra como o racismo dificulta o protagonismo social negro.

Silva (2010) empreendeu uma investigação científica acerca de professoras doutoras no país com base em dados oficiais. Na ocasião, a autora constatou que, até o ano de 2005, apenas 251 mulheres negras compunham o total de 63. 234 doutores(as) em exercício no ensino universitário. No caso das mulheres negras, as dificuldades são ainda maiores na vida acadêmica, devido ao sexismo e ao machismo que permeiam e estruturam as relações sociais.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[7]publicados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2019, no Brasil, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais foi estimada em 6,6%. Para pessoas negras a taxa de analfabetismo foi de 8,9% e a da população branca foi de 3,6%, o que representa menos da metade da taxa para a comunidade negra. Os dados apresentados indicam uma diferença abissal nas taxas de analfabetismo da população negra e de outros grupos étnico-raciais.

Os indicadores educacionais apresentados representam uma conjuntura substancialmente desfavorável ao protagonismo social negro nas ambiências acadêmicas. Tais dados evidenciam uma estrutura racista instaurada no país ao longo da história e que vigora em larga escala atualmente.

Almeida (2019, p. 50) concluiu que o racismo no Brasil é estrutural.

> Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo 'normal' com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos

[6] Parágrafo baseado na seguinte notícia: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/13/politica/1573643039_261472.html. Acesso em: 29 maio. 2021.

[7] Dados veiculados em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html. Acesso em: 29 maio. 2021.

> institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção.

Além dos indicadores apresentados e do racismo estrutural, a população negra é compelida a conviver com outra forma de opressão, o epistemicídio, que atua no sentido de suprimir conhecimentos africanos e afrodescendentes. Carneiro (2018, p. 96) define o epistemicídio como

> [...] dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial, pela negação que empreende da legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e [...] de seus membros como sujeitos do conhecimento.

Tal qual outras opressões, o epistemicídio é criado e reproduzido, sistemática e estruturalmente, e instaura uma despudorada desqualificação do povo negro e tudo o que é produzido por esse grupo étnico. Carneiro (2005, p. 97) assevera que [...] "não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes".

Considerando a conjuntura exposta, somos levados a questionar: A população negra pode exercer seu protagonismo social diante de tantas forças estruturais contrárias a isso? Não há uma resposta simples para esse questionamento, porém podemos apresentar alguns caminhos possíveis para elucidar essa questão, considerando que a mediação da informação contribuiu para esse processo.

Antes, porém, é preciso compreender, conforme Perroti (2017), que o termo protagonismo está sendo utilizado por diversos campos sociais, principalmente os que lutam por direitos de diversas naturezas. O autor enuncia que o termo 'protagonista' é formado por "proto" (o principal, o primeiro) e "agon/agonistes" (luta/o que luta). Portanto, ser protagonista significa ser o(a) principal lutador(a). Com base nisso, podemos considerar que o protagonismo negro perpassa um movimento histórico de luta e resistência às intempéries do racismo estrutural no país. Perroti (2017) acrescenta que protagonismo é sinônimo de resistência e embate de antagonismo. O protagonismo se expressa na tomada de posição dianteira em relação a fatores que ameaçam o grupo.

É possível encontrar, na literatura científica, diversos tipos de protagonismo: o protagonismo cultural, o protagonismo social, o protagonismo feminino, o protagonismo

masculino, entre outros. Para fins deste estudo, trabalhamos com o conceito de protagonismo social.

Henriette Ferreira Gomes (2019, p. 19) assevera que

> [...] o protagonismo social se caracteriza como elemento fundante do processo democrático de construção de bases de humanização do mundo e, o efetivo desenvolvimento desse protagonismo se dá com o apoio das atividades de mediação consciente da informação, o que implica no conhecimento do que seja informação, da sua missão social, das dimensões da mediação e da força dessa ação também protagonista.

A autora (2019) refere que o protagonismo social se configura na atribuição da mediação consciente da informação e que a mediação da informação é a ação central do processo de protagonismo, em que a informação é colocada como impulsionadora do protagonismo. No tópico a seguir, discorreremos sobre a relação entre a mediação da informação e o protagonismo social negro no ENANCIB e apresentamos resultados do estudo que embasou esta pesquisa.

3 A RELAÇÃO ENTRE MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONSCIENTE, AQUILOMBAMENTO E O PROTAGONISMO SOCIAL NEGRO NO ENANCIB

No título anterior, observamos as consequências do racismo estrutural para o estabelecimento do protagonismo social negro e salientamos a centralidade da mediação da informação no processo de construção de protagonismos.

Para Almeida Júnior (2015, p. 25), a mediação da informação pode ser entendida como

> toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais – , direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Ampliamos a compreensão de mediação da informação exposta acima para os(as) cientistas da informação. Consideramos o fazer científico e os construtos

epistemológicos dela derivados como uma atividade mediadora. A ação dos(as) cientistas é também uma ação de interferência que visa à apropriação informacional dos(as) usuários(as) e leitores(as) da produção científica. E como as produções científicas são publicadas e disseminadas, elas não "voltam vazias" para os(as) autores(as), pois os estudos científicos são capazes de provocar transformações em diversos níveis.

Santos Neto e Almeida Júnior (2017) pontuam que é importante compreender que se apropriar da informação não significa somente usar a informação, mas também compreender o conteúdo e que o sujeito que se apropriou da informação deve ser transformado. Assim, consideramos que produções científicas com foco na população negra podem servir para estimular novos estudos sobre o tema, promover transformações em âmbito pessoal e social e favorecer o protagonismo social negro na área.

Apesar do exposto, é importante ponderar que a mediação da informação em favor do protagonismo precisa ser exercida conscientemente. Henriette Ferreira Gomes (2019, p. 18) afirma que "não se tem efetivamente mediação da informação em favor do desenvolvimento do protagonismo social sem a execução consciente". Além disso, o corpo de pesquisadores(as) que empenham estudos étnico-raciais deve compreender que sua atuação não é neutra, mas uma ação política. Vale sopesar, segundo Gomes, H (2017), que o(a) próprio(a) mediador(a) da informação é, também, um protagonista social, já que interfere, direta e indiretamente, no ambiente informacional e no desenvolvimento do protagonismo social de outrem.

Ao discorrer acerca da atuação política do(a) mediador(a) da informação, adentramos as dimensões da mediação da informação. Gomes, H (2017) entende que a mediação da informação é um processo que abrange a interlocução entre informação e comunicação e que tem cinco dimensões: a dialógica, a estética, a ética, a formativa e a política.

Em âmbito dialógico, a mediação da informação é um processo importante para o desenvolvimento humano, cuja base de sustentação é a dialogia. Em uma perspectiva dialógica, a mediação gera espaços que propiciam o surgimento de novos conhecimentos (GOMES, H, 2017). Acerca da dimensão estética, a autora expõe que a

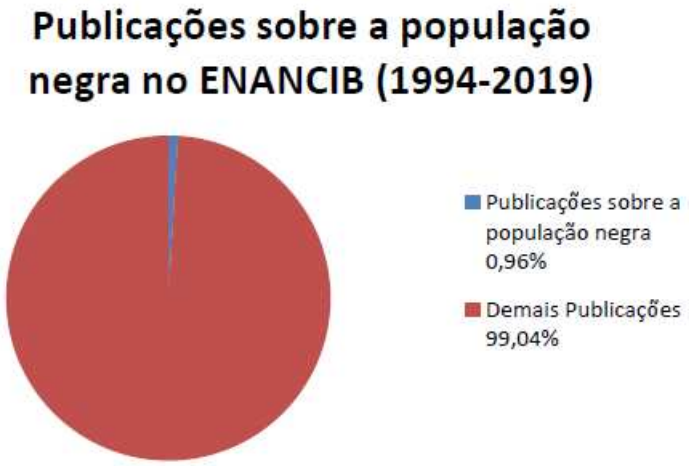
ação mediadora auxilia os sujeitos a resgatarem sua autonomia. Esse sentido autônomo proporciona que os sujeitos informacionais apreciem o prazer e o sentido do belo, descortinando o caráter estético da mediação da informação. Por se tratar de uma ação de interferência no processo informacional, é importante ressaltar a dimensão ética da informação. Gomes, H (2017) entende que a mediação da informação também pode estar ligada ao ato de cuidar, em que o(a) mediador(a) também é um(a) cuidador(a). Desse modo, é preciso zelar por princípios que inibam a censura e a desconsideração à liberdade e à igualdade de direitos. No aspecto informativo, Gomes, H (2017) considera que o objetivo implícito da dimensão formativa é de construir o protagonismo social por meio de um processo dialógico que aproxima agentes e dispositivos. Isso requer que o(a) mediador(a) tenha consciência de quem também é um protagonista nesse processo. Importante frisar que as dimensões da mediação da informação foram trabalhadas pela autora em outras pesquisas, que foram apresentadas de forma resumida, tendo em vista os limites desta pesquisa.

É importante ressaltar que, como o(a) mediador(a) da informação é protagonista de um processo que pode favorecer o desenvolvimento e o protagonismo social de outras pessoas e outros grupos, é imprescindível que tenha uma decisão clara em relação ao compromisso social que exerce em seu conhecimento especializado (GOMES, H, 2017). Considerando que a *práxis* científica pode favorecer o protagonismo social de outrem, é imprescindível conscientizar-se de que o corpo científico e os trabalhos científicos precisam estar em sintonia com uma mediação de informação consciente, que contribua, em grande medida, para o cumprimento da responsabilidade social da área. O ENANCIB é um evento de grande relevância no contexto da Ciência da Informação brasileira Silva, Maria Frogeri e Ferreira (2019, sem paginação) afirmam que é “o principal evento de pesquisa e pós-graduação do país que visa à discussão e reflexão da produção científica na área de Ciência da Informação”.

No estudo que baseou esta pesquisa, ficou evidente a escassez de pesquisas acerca da população negra no ENANCIB, um cenário que precisa ser visibilizado e compartilhado para criar reflexões e ações no caminho da construção do protagonismo social negro desejado e necessário. Conforme Alves (2021), entre 1994 e 2019, apenas 40 estudos sobre a população negra foram encontrados nos anais do evento nesse

período, tendo como base os termos utilizados no presente estudo. Essa amostra foi pequena diante do universo de 4.139 trabalhos no período.

Gráfico 1 – Publicações sobre a população negra nos ENANCIBs



Fonte: Extraído de Alves (2021, p. 121).

Importante ressaltar que o exposto representa os trabalhos que foram aceitos e publicados no evento, porém é bastante provável que outros tenham sido submetidos, mas não foram aprovados pelos(as) pareceristas. É importante destacar que muitos (as) pesquisadores(as) que publicam sobre a população negra não submetem suas produções ao ENANCIB, mas a outros espaços científicos. Consideramos que o cenário exposto é preocupante para o protagonismo social negro no evento, de modo geral, o qual não se desenvolve plenamente. Quanto aos estudos acerca da população negra nos anais do evento, o tema ainda não exerce um protagonismo. Todavia, observando os(as) autores(as) destacados, pudemos constatar um protagonismo social negro entre os(as) autores(as) que mais contribuíram. Almeida Júnior (2017) sugere que não devemos compreender o protagonismo como algo que se dará plenamente, porque ele é limitado. Nesse contexto, não podemos compreender o protagonismo em uma perspectiva dualista, em que há ou não há protagonismo.

O quadro seguinte apresenta os(as) dez autores(as) que mais publicaram trabalhos nos ENANCIBs. Para fazer esse recorte, o critério adotado foi de participação em mais de uma pesquisa no evento, seja como primeiro autor(a) ou como coautor(a).

Quadro 1 – Destrinchando o corpo autoral nos anais do ENANCIB (1994 – 2019)

	AUTORES/AUTORAS	PUBLICAÇÕES COMO AUTOR/A	PUBLICAÇÕES COMO COAUTOR/A	INSTITUIÇÃO
01	Mirian de Albuquerque Aquino	02	07	UFPB
02	Franciéle Carneiro Garcês da Silva	04	01	UFRJ/UFMG
03	Leyde Klebia Rodrigues da Silva	03	01	UFPB/UFRJ -IBICT
04	Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda	03	00	UNIRIO
05	Graziela dos Santos Lima	02	01	UNESP
06	Francilene do Carmo Cardoso	02	00	UFF
07	Rubens Alves da Silva	02	00	UFMG
08	Vanessa Alves Santana	01	01	UFPB
09	Izabel França de Lima	01	01	UFPB
10	Jobson Francisco da Silva Júnior	01	01	UFPB

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Destacamos, inicialmente, a filiação institucional dos(as) autores, no momento de produção da pesquisa, com destaque para a Universidade Federal da Paraíba, e seu Programa de Pós-Graduação (PPGCI) em Ciência da Informação. Isso salienta a forte presença de uma perspectiva social da universidade e do programa com o vanguardismo e o protagonismo social da Professora Mirian Aquino. Todos(as) os(as) dez autores(as) são negros(as), o que denota que há um protagonismo social negro no corpo de pesquisadores(as) que desenvolvem estudos acerca da população negra.

Nesse contexto, nas relações estabelecidas entre os(as) autores(as) destacados(as), fica latente como a mediação da informação foi estabelecida conscientemente. Tomamos como exemplo a Professora Mirian de Albuquerque Aquino, que foi a precursora[8] de estudos acerca da comunidade negra no ENANCIB e

[8] Em 1997, no III ENANCIB, foi apresentado o estudo "O charme e o acesso à automação através de diferentes linguagens comunicacionais", escrito por Arlete Nery de Andrade, Judite dos Santos Rosário e Leila Beatriz Ribeiro. A pesquisa não possui os termos de busca utilizados na dissertação, mas por se tratar da memória cultural em articulação com a construção de uma identidade negro-brasileira, consideramos importante evidenciar (SILVA, F, 2019).

orientadora de quatro pesquisadores(as) dos(as) dez destacados(as): Leyde Klebia Rodrigues da Silva, Vanessa Alves Santana, Izabel França de Lima e Jobson Francisco da Silva Júnior. A Professora Mirian sempre produziu trabalhos científicos em parceria com seus(as) orientandos(as) e colegas de trabalho. Então, foi coautora em sete pesquisas no ENANCIB. Sua atuação mediadora colaborou para que esses(as) pesquisadores(as) desenvolvessem estudos étnico-raciais e se tornassem protagonistas. Conforme já dito, o(a) agente mediador(a) interfere no ambiente informacional e no processo de desenvolvimento do protagonismo social de outrem.

Entendemos que a Professora Mirian Aquino, por meio da mediação da informação consciente, não só contribui para fomentar novas pesquisas a respeito da população negra e para que fosse protagonista social nesses estudos, como também instaurou um movimento de aquilombamento que formou uma frente negra de pesquisadores(as) atuantes nos temas étnico-raciais na área. Souza (2008, p. 106) enuncia que

> aquilombar-se é uma ação contínua de existência autônoma frente aos antagonismos que se caracterizam de diferentes formas ao longo da história dessas comunidades, e que demandam ações de luta ao longo das gerações para que esses sujeitos tenham o direito fundamental a resistirem e existirem com seus usos e costumes. Esse existir tem um movimento fortemente voltado para a coletividade, para os laços que unem os quilombolas entre si e que, num movimento mais amplo e recente, une as comunidades de distintas regiões. A resistência e a autonomia, aspectos fundamentais da construção identitária das comunidades quilombolas, são também as linhas motoras do movimento de aquilombar-se. Por meio de estratégias as mais distintas possíveis, essas comunidades se estabelecem enquanto lócus de alteridade em relação à dita sociedade nacional e reivindicam o reconhecimento de sua cultura, de seus costumes, de suas formas de organização.

O conceito de aquilombamento vai ao encontro da ideia de protagonismo social, porquanto ambos apresentam características em comum: embate aos antagonismos, resistência, coletividade, entre outros. Conforme Souto (2021), aquilombamento é uma palavra do nosso tempo e que faz parte dos debates e das discussões sobre o pensamento negro. A ideia de quilombo vem sendo evocada por jovens negros(as) interessados(as) em tecer novas redes de colaboração e organização para os diversos tipos de opressão.

É possível observar ações de mediação da informação e de aquilombamento na atuação de outras pesquisadoras destacadas no estudo. Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Graziela dos Santos Lima e Franciele do Carmo Cardoso atuaram/atuam na organização de livros do selo *Nyota*. Segundo o site[9] do selo, seu objetivo é de disseminar e visibilizar conhecimentos e pesquisas produzidos por mulheres, negros(as), indígenas e LGBTQIA+ cujo interesse principal seja de divulgar estudos, descobertas científicas e experiências profissionais. No catálogo, o selo conta com os seguintes títulos[10] acerca da população negra: Bibliotec@rios negr@s, primeira, segunda e terceira edições; O protagonismo da Mulher na Biblioteconomia; Epistemologias negras: relações raciais na Biblioteconomia; Mulheres negras na Biblioteconomia, entre outros. Importante destacar também a atuação dos(as) professores(as) doutores(as) Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda, Rubens Alves da Silva e Izabel França de Lima, que têm produções científicas e projetos de pesquisa que focam as questões étnico-raciais. Leyde Klebia Rodrigues da Silva, Izabel França de Lima, Jobson Francisco da Silva Júnior e Vanessa Alves Santana dão continuidade ao legado da Professora Mirian Aquino, em suas atuações como pesquisadores(as), produzindo e disseminando pesquisas com foco na comunidade negra e em questões étnico-raciais.

As iniciativas supracitadas apresentam, resumidamente, algumas estratégias dos(as) pesquisadores(as) negros(as) para favorecer o protagonismo social negro na ambiência acadêmica. Segundo Souto (2021), a urgência do aquilombamento é uma resposta ao acirramento de forças que levam a uma situação-limite. Com a polarização político-ideológica, a desestruturação das instituições, os retrocessos institucionais e o agravamento da vulnerabilidade social da comunidade negra, nesse contexto genocida, é imperativo aquilombar-se.

Apesar da pouca quantidade de trabalhos em relação ao número total, vale salientar que seis, dos quarenta trabalhos recuperados pela pesquisa, foram premiados. Esse reconhecimento iniciou em 2010 e se estendeu até a última edição, realizada em 2019. Isso demonstra que, na última década, houve mais abertura e um significativo

[9] Link de acesso para o site do selo Nyota: https://www.nyota.com.br/sobre. Acesso em: 01 jun. 2021.
[10] O catálogo do selo pode ser acessado em: https://www.nyota.com.br/livros. Acesso em: 01 jun. 2021.

reconhecimento do tema no ENANCIB, o que não significa que não existam muitos desafios para enfrentar o epistemicídio negro no evento.

A Professora Mirian Aquino também foi precursora dos trabalhos premiados. Em 2010, em parceria com Ariluci Goes Elliot, a pesquisa 'Informação, imagem e memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da Biblioteca Federal do Ceará – Campus Cariri' foi premiada no GT 10 do evento. Em 2011, foi premiado no GT 10 o estudo 'A biblioteca pública na (re) construção da identidade negra', de autoria das pesquisadoras Francilene do Carmo Cardoso e Nanci Gonçalves da Nóbrega. Em 2014, também no GT 10, foi premiado o trabalho 'Memória da população negra e informação étnico-racial: percebendo limites', escrito por Izabel França de Lima, Sérgio Rodrigues Santana e Henry Poncio Cruz de Oliveira. No ano posterior, o trabalho premiado do GT 02 foi 'Informação étnico-racial: proposta de glossário sob a égide da semântica discursiva', de autoria de Maria Antônia de Sousa e Elisabeth Baltar Carneiro de Albuquerque.

A pesquisadora Franciéle Carneiro Garcês teve dois trabalhos premiados como primeira autora, ambos no GT 06. Em 2017, a pesquisa 'As temáticas africanas e afro-brasileiras em Biblioteconomia e Ciência da Informação' foi condecorada. No ano de 2019, o estudo reconhecido foi 'Biblioteconomia negra brasileira: caminhos, lutas e transformação'.

A valorização e o reconhecimento desses trabalhos demonstram, primeiramente, uma abertura maior do evento para o tema, na última década, e o resultado de esforços coletivos para seu protagonismo, visto que as pesquisas premiadas foram desenvolvidas em grupo. Sobre esse cenário, Souto (2021, p. 146) discorre que

> essa nova geração de pesquisadores negros e negras não se satisfaz apenas com o acesso e reivindica que seus saberes e referências sejam também representados, tensionando a hegemonia do conhecimento no ensino universitário.

Outro dado que merece ser ressaltado envolve os conteúdos informacionais mediados conscientemente por esses(as) pesquisadores(as) em suas produções científicas no ENANCIB.

Figura 1 – Conteúdos mediados acerca da população negra nos anais do ENANCIB



Fonte: Extraído de Alves (2021, p. 142).

Essa nuvem de palavras foi feita no formato do continente africano, a fim de representar o conhecimento africano e o afro-brasileiro no ENANCIB. Podemos perceber que os conteúdos ressaltam o caráter interdisciplinar da área, com destaque para a Biblioteconomia, visto que grande parte dos(as) dez autores(as) destacados tem relação direta e indireta com essa área. Consideramos que as ações supracitadas vão ao encontro da compreensão de protagonismo social, em que protagonistas empoderados(as) atuam formando novos protagonistas em âmbito individual e coletivo.

> O protagonismo social está relacionado ao ato de empoderar, que é transformar a si mesmo e aos outros em protagonistas, é sair de uma condição de sujeição, é livrar-se do fardo de estar sujeito a uma subjetividade imposta que dita quem você é e como deve agir, é um processo criativo pelo qual pessoas e coletividades ampliam seu campo de ação (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM, 2014, p. 16).

Considerando o contexto apresentado, com base em Almeida Júnior (2017) e Gomes (2017, 2019), entendemos que a mediação da informação consciente é uma condição *sine qua non* para o protagonismo social negro no ENANCIB. Nesse contexto, a mediação da informação age, transforma e ressignifica a ambiência em questão. É necessário, portanto, aumentar o número de pesquisas e de pesquisadores(as) que

atuem nas questões raciais, trabalhando no sentido de desarticular o racismo estrutural presente na sociedade brasileira, especialmente nas ambiências acadêmicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discorrer sobre a importância da mediação da informação consciente para o protagonismo social negro, correspondemos à proposta deste estudo, porquanto abordamos as implicações do racismo estrutural para o estabelecimento de um protagonismo social negro em diversos contextos e, de modo especial, nos anais do principal evento de Ciência da Informação do país, o ENANCIB. Consideramos imprescindível os(as) pesquisadores(as) se conscientizarem de seu papel político e protagonista. Em conformidade com Gomes e Côrtes (2020), entendemos que, quando toma consciência, o(a) mediador(a) passa a se reconhecer como sujeito político, um(a) protagonista social, que planeja, executa e avalia suas ações e reflete sobre elas, com base nos fundamentos da mediação da informação e suas dimensões.

Enfim, consideramos que o caminho de um protagonismo social negro, no ENANCIB, perpassa, obrigatoriamente, um processo de mediação da informação consciente e protagonismo por parte dos(as) pesquisadores(as), em especial, engajados em estudos étnico-raciais com foco na população negra. Como mediadores(as), agem e interferem, primeiramente, na própria vida e, posteriormente, na vida de outras pessoas.

Os resultados apresentados demonstraram um cenário animador, no tocante ao crescimento de estudos sobre a população negra, na última década, no evento, devido ao engajamento e à articulação de cientistas negros(as) nele. A criação do novo Grupo de Trabalho (GT12), intitulado 'Informação, Estudos Étnico-raciais, Gênero e Diversidades', foi fundamental nesse processo de subversão do epistemicídio. O novo grupo foi aprovado por unanimidade na Assembleia Geral da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação.

Destacamos como inescusável para o protagonismo social negro a produção de estudos a respeito da comunidade negra e a divulgação da produção científica. Consideramos que a esperança por uma sociedade menos racista e com um

protagonismo social negro em diversas áreas deve ser baseada em uma "esperança operante", segundo ensina o provérbio africano, que diz: "e enquanto você reza, vá fazendo[11]". Em outras palavras, enquanto desejamos e pedimos, vamos lutando, construindo e trabalhando por um mundo mais negro e por mais negros(as) como protagonistas sociais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Ação cultural e protagonismo social. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira. (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 45-58.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Conservadorismo e revolução (ou reformismo) na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. **Divers@**: Revista 150 Eletrônica Interdisciplinar, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 132-144, 2015. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/45052. Acesso em 21 fev. 2022.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Felipe Arthur Cordeiro. **A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro**: do epistemicídio à [des]colonialidade nos anais do ENANCIB. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/20236/1/FelipeArthurCordeiroAlves_Dissert.pdf. Acesso em: 22 fev. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. Protagonismo da enfermagem no processo de cuidar. In: SEMANA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM, 75., 2014, Brasília. Caderno de Dicas. Brasília: ABEN, 2014. p. 1-36. Disponível em: http://www.abennacional.org.br/download/dicas2014.pdf. Acesso em: 21 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Cultura. A Carta de Pero Vaz de Caminha. Brasília: Departamento Nacional do Livro, [19--?]. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf Acesso em: 22 maio. 2022.

CARNEIRO. Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-

[11] https://www.pensador.com/autor/proverbio_africano/. Acesso em: 02 jun. 2021.

como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf. Acesso em: 27 fev. 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: relações com vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 27-44.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion:** Filosofia da Informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10-21, 2019. Disponível em: http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4048. Acesso em: 19 fev. 2022.

GOMES, Henriette Ferreira; CÔRTES, Gisele Rocha. Mediação da informação consciente e protagonismo social das mulheres: as práticas informacionais das teorias críticas feministas. *In*: ALVES, Edvaldo Carvalho; BRASILEIRO, Fellipe Sá; CÔRTES, Gisele Rocha; MELO, Daniella Alves de. (org.). **Práticas informacionais**: reflexões teóricas e experiências de pesquisa. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. p. 113-182.

GOMES, Laurentino. **A escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: documentos de uma militância pan-africanista. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 11-26.

SANTOS, Hélio. Orelha. *In*: OLIVEIRA, Dennis. Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica. São Paulo: Dandara, 2021. Disponível em: http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/18111.pdf. Acesso em: 23 maio. 2022.

SANTOS NETO, João Arlindo dos; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. O caráter implícito da mediação da informação. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 27, n. 2, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/29249. Acesso em: 18 dez. 2019.

SILVA, Elaine Drumond Pires e; MARIA, Thais Campos; FROGERI, Rodrigo Franklin; FERREIRA, Daniela Assis Alves. Análise sociométrica do Grupo de Trabalho 4 do ENANCIB: um estudo das relações entre os autores, coautores e instituições de ensino. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019. Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ENANCIB, 2019. Disponível em: https://conferencias.ufsc.br/2019/paper/882/. Acesso em: 28 fev. 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**. 2019. 521 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, Joselina da. Doutoras professoras negras: o que nos dizem os indicadores oficiais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 19-36, jun. 2010. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/article/view/2175-795X.2010v28n1p19/17811. Acesso em: 25 fev. 2022.

SOUTO, Stéfane. É tempo de aquilombar: da tecnologia ancestral à produção cultural contemporânea. **Políticas Culturais em Revista**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 142–159, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/44151. Acesso em: 01 mar. 2022.

SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro**. 2008. 204 f. Dissertação – (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.